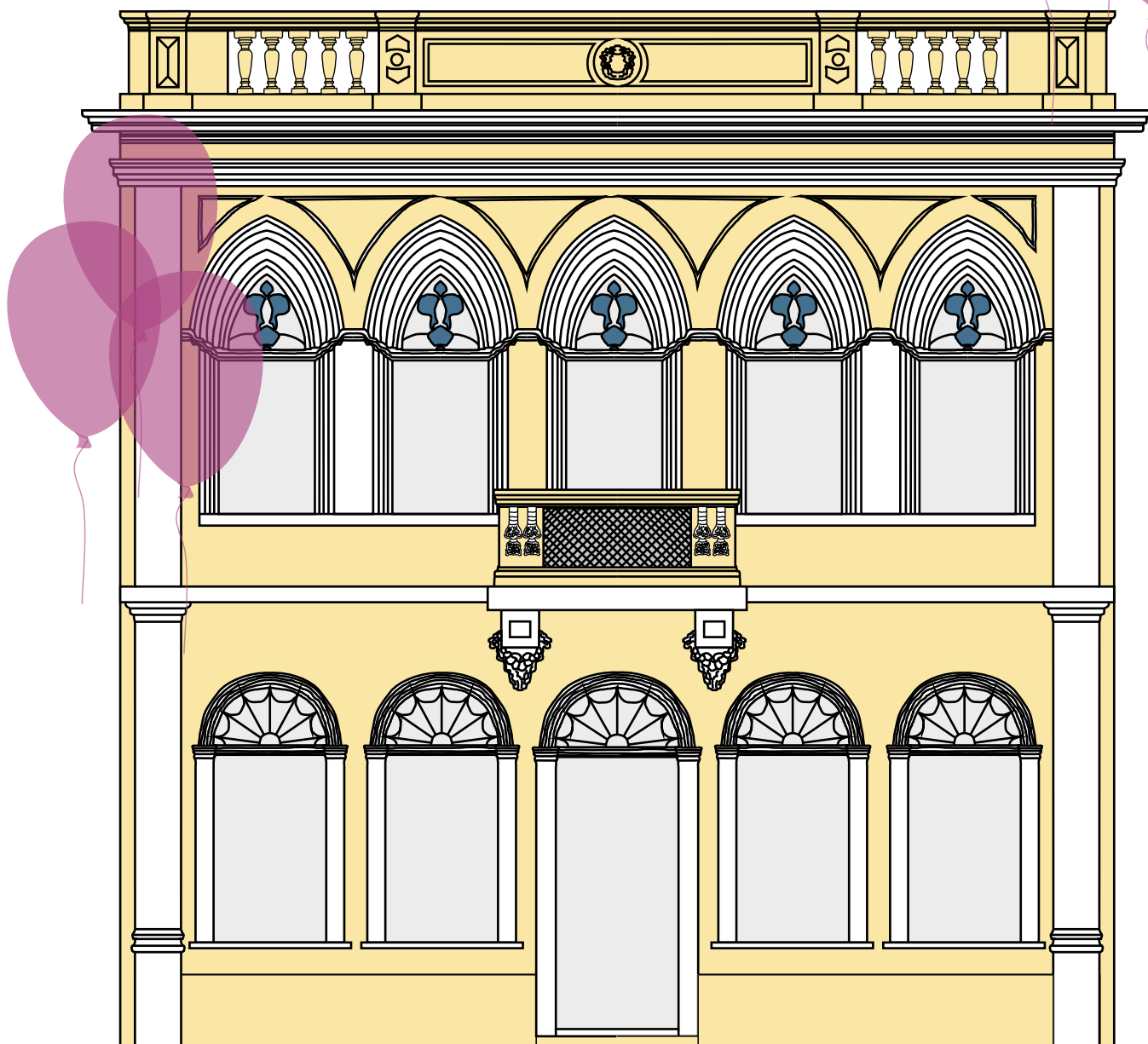
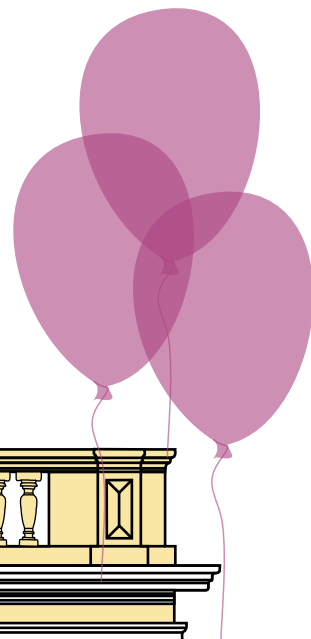


BOLETIM

PET CONSERVAÇÃO E RESTAURO



VOL. XVIII
2023



@ABRA_ARQUITETURA

15 ANOS

CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO
DE BENS CULTURAIS MÓVEIS - UFPEL

EDIÇÃO Luiza da Silva Couto
REVISÃO PET Conservação e Restauro
ARTE Clarissa Neutzling e Luiza Couto
ILUSTRAÇÃO DA CAPA ABRA Arquitetura



R. Almirante Barroso 1202, sala 312
Campus II – ICH • Pelotas/RS CEP 96.010-280

DIGITAL

<https://wp.ufpel.edu.br/crbensmoveis>
<https://wp.ufpel.edu.br/petconservacaoerestauo/>
<https://instagram.com/petconservacaoerestauo>

CONTATO

petconservacaoerestauo@gmail.com
pet.conservacao.restauo@ufpel.edu.br

PETIANOS

Aline Duval da Cunha
Andreia Salvadori
Anna Ortega de Freitas
Antônio Ramos Satana Neto
Camila Borges Coelho
Clara Ribeiro do Vale
Clarissa Neutzling
Débora da Silva Oliveira
Hugo Luiz Barreto da Silva
Luiza da Silva Couto
Márcio Fraga Damaceno
Maria Hiasmim Araújo
Natália Corrêa Couto
Renata Almeida Teles
Sophia Bettini Gomes
Saywa Yolanda Almaraz Flores

TUTORA

Prof^ª. Dr^ª. Andréa Lacerda Bachettini

EXPEDIENTE

O BOLETIM PET Conservação e Restauro é uma publicação semestral do Grupo de Educação Tutorial do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas. Objetiva ser um veículo de ações do grupo, voltadas para o fomento das experiências acadêmicas no campo do Patrimônio Cultural e para a divulgação da profissão do Conservador-Restaurador. São autores das edições, integrantes do grupo e convidados. Textos de outros autores poderão ser publicados se estiverem de acordo com o escopo da publicação. Propostas de colaboradores podem ser enviadas para o e-mail do grupo (petconservacaoerestauo@gmail.com).

VOL. 18 - DEZEMBRO DE 2023



EDITORIAL

Caros leitores,

É uma honra contribuir com o prefácio deste boletim comemorativo pelos 15 anos do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis do Instituto de Ciências Humanas da UFPel, uma jornada marcada por dedicação e paixão pela preservação do patrimônio cultural.

Ao folhear as páginas deste boletim, somos imersos em uma narrativa multifacetada, onde alunos, petianos, ex-alunos, ex-petianos, professores e ex-professores compartilham suas experiências e contribuições para a construção sólida desse curso ao longo dos anos. Cada relato é um testemunho vivo do comprometimento com conservação e restauração dos bens culturais, um elo que transcende gerações.

Neste contexto, celebro também os meus 15 anos como professora deste curso. Uma trajetória repleta de desafios, conquistas e, acima de tudo, de aprendizado contínuo. Ao longo dessa jornada, testemunhei o crescimento e a evolução não apenas acadêmica, mas também humana, dos alunos que passaram por nossas salas de aula e laboratórios.

A riqueza deste boletim reside na diversidade de perspectivas apresentadas. Cada autor, sejam os atuais alunos e petianos (Jullieinny, Sophia, Andreia, Debora, Anna Luiza e Renata), o ex-aluno (Tarsis), as ex-petianas (Mirella e Juliana), os professores (Roberto, Daniele e Annelise) ou a ex-professora (Camilla), contribuíram com seus olhares únicos, enriquecendo a narrativa coletiva que é o curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis. É um reflexo fiel da comunidade unida por um propósito comum: preservar e transmitir nossa herança cultural para as futuras gerações.

Neste momento de celebração, expressei meu profundo agradecimento a todos que colaboraram com o curso e para todos que tornaram possível este boletim. Cada palavra escrita reflete não apenas um feito individual, mas uma peça essencial no mosaico que compõe a história do curso. Que este registro comemorativo seja uma fonte de inspiração para as gerações futuras, guiando-as na missão de preservar, lembrar e salvar o patrimônio cultural que nos define.

Que este boletim seja não apenas uma celebração do passado, mas também um caminho para o futuro, guiando-nos na contínua busca pela excelência na conservação e restauração de bens culturais móveis.

Parabéns a todos que fazem parte desta história!

Atenciosamente,

Andréa Lacerda Bachettini

Tutora do Grupo PET Conservação e Restauro
Professora do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis do ICH/UFPel

Professora Associada do Departamento de Museologia,
Conservação e Restauro do ICH/UFPel

Vice-Diretora do ICH/UFPel

SUMÁRIO

A RESERVA TÉCNICA DO MUSEU DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS- UFPEL

04

PEDAGOGIA DA CONSERVAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE ABORDAGENS FENOMENOLÓGICA E MOLECULARES DURANTE A VIVÊNCIA DE UMA PROFESSORA SUBSTITUTA DO CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS DA UFPEL

07

CORTES ESTRATIGRÁFICOS COMO UMA ESTRATÉGIA DE ESTUDO E CONHECIMENTO NO ÂMBITO DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS

11

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE PASSAGEM NO CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS DO ICH/UFPEL

14

RELATO SOBRE MINHA TRAJETÓRIA COMO ALUNA E AGORA PROFESSORA EFETIVA DO CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS DO ICH/UFPEL

17

RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO NO PALÁCIO PIRATINI

20

O CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS DA UFPEL: MEMÓRIAS DE UMA DÉCADA E MEIA DE FORMAÇÃO E AÇÃO COM O PATRIMÔNIO NO SUL DO BRASIL

23

PROJETO DE EXTENSÃO LABORATÓRIO ABERTO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS

27

MERECIMENTO!

30

A RESERVA TÉCNICA DO MUSEU DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL

Andreia Salvadori

Acadêmica do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis do ICH/UFPEL
Bolsista de Ensino da PRE/UFPEL
Petiana Não Bolsista do Grupo PET-Conservação e Restauro

Annelise Costa Montone

Professora Adjunta do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro do ICH/UFPEL

Em julho deste ano, o curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), completou quinze anos, período fortemente marcado por inúmeros projetos de ensino, pesquisa e extensão. Neste texto, apresento um relato de minha experiência como bolsista de ensino do Programa de Bolsas Acadêmicas – Edital NUPROP nº 11/2023, por meio do projeto Organização, documentação e conservação preventiva de bens culturais, que oportunizou um ambiente de aprendizagem abordando temas como conservação preventiva, agentes de deterioração e a metodologia RE-RG, a qual se baseia em estudos e práticas desenvolvidos pelo Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauro de Bens Culturais (ICCROM), pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e pelo Instituto Canadense de Conservação (ICC), para reorganizar Reservas Técnicas de museus ao redor do mundo.

As ações aconteceram na Reserva Técnica – RT do curso, com acervos do Museu da UFPEL e outros, localizada no Campus II do Instituto de Ciências Humanas (ICH), oportunizando ao estudante colocar em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, principalmente os conteúdos de ações e procedimentos abordados nas disciplinas de Conservação Preventiva I, II e III. Imagem do início das atividades na RT.

Os objetivos do projeto foram para a adequação desse espaço, promovendo a salvaguarda dos objetos que estão no acervo, para garantir o acesso às informações e a organização dos documentos e do acervo museológico. Sobretudo, traz a prática reflexiva e crítica das atividades que estão previstas no Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauração de

Bens Culturais Móveis (PPC).

As coleções que estão na RT fazem parte das unidades fundadoras da UFPEL, com peças do curso de Odontologia, como moldes dentários e equipamentos de apoio; instrumentos de Desenho, do curso de mesmo nome; equipamentos e instrumentos do curso de Química. Há, também, uma coleção que pertencia à Laneira Brasileira S.A., cujo prédio foi comprado pela UFPEL, em 2010, com o intuito de criar o Museu da UFPEL, porém esse projeto não teve continuidade. Nessa coleção, temos muitos objetos de madeira, livros administrativos, cartelas de lã e gabaritos de metal, entre outros.

Para planejar a execução dessa organização, recorreu-se ao método RE-ORG, que se define como “[...] um guia passo a passo de todo o processo de planejamento e implementação de um projeto de reorganização da sua reserva técnica” (ICCROM-UNESCO, 2018, p.06). Essa metodologia é uma sugestão para ser aplicada em RTs com poucos recursos, visto que apresenta ferramentas específicas para que uma equipe pequena desenvolva as estratégias necessárias para reorganizar esses espaços. Museus do mundo inteiro, principalmente



Figura 1 - Início do trabalho na Reserva Técnica.

Fonte: Acervo pessoal, 2023.

aqueles pequenos e que não têm meios, podem aplicar e se beneficiar desse método, e a realidade não é diferente, dentro da universidade pública brasileira.

A situação encontrada, com o acondicionamento dos objetos, era de pouca visibilidade, pois as coleções não estavam separadas e localizadas em espaços apropriados, muitos objetos não estavam identificados, com falta de informação e etiquetas, facilitando assim a perda de informação e a dissociação das coleções.

Na reorganização física do espaço, usou-se os seguintes critérios do RE-ORG: não movimentar mais do que dois objetos das estantes ou armários para a retirada de um item, manter uma distância segura entre eles, colocar peças pesadas e maiores nas prateleiras inferiores, separar o acervo por tipologias e coleções e etiquetar com informações legíveis, cujo resultado imediato é a percepção da área disponível para o armazenamento das peças e, também, para dar visibilidade à localização das mesmas.

O RE-ORG orienta a aplicação de diretrizes traçadas pelo campo da conservação preventiva,

que compõe um dos três pilares da conservação do patrimônio cultural tangível. Esse pilar atua por meio de medidas e ações tomadas para minimizar ou evitar futuras deteriorações ou perdas dos objetos, realizadas nas áreas ao redor do bem, ou no grupo de bens, independente da sua época ou condição (ABRACOR, 2010, p.10).

Nessa área, foram desenvolvidos estudos que definiram, até o momento, dez agentes de deterioração que podem causar danos e/ou alterações em acervos de museus, bibliotecas e arquivos, por exemplo (CCI, 2009).

Dentre esses agentes, cita-se alguns que foram observados na RT do curso: dissociação, umidade relativa, pragas e contaminantes. A dissociação é a desorganização de um sistema ordenado ao longo do tempo, provocando perda de dados de informação dos objetos. Esta é uma situação presente na RT pois pouco se sabe das origens, usos e funções desses itens. A umidade relativa é a oscilação que o ar sofre entre seco e úmido, dessa forma percebe-se os efeitos nos materiais, como o papel. Para determinar a umidade nos ambientes precisa-se de um instrumento que faça



Figura 2 - Trabalho em desenvolvimento. Fonte: Acervo pessoal, 2023.

essa medição. Isso auxilia a definição de algumas ações, como proteger as peças com um bom acondicionamento. As pragas são associadas aos altos níveis de temperatura e umidade relativa, provocando ambientes quentes e úmidos. Se o local for escuro e com pouca ventilação poderá ocorrer a proliferação dos agentes biológicos, como os microrganismos - fungos e bactérias e cupins. Já os contaminantes causam alterações nas características externas e internas dos objetos, são compostos que apresentam reações químicas com os componentes do próprio objeto (CCI, 2009).

Atualmente, as ações na RT contam com um grupo de sete estudantes, entre eles voluntários e duas bolsistas - uma de ensino e outra de extensão -, que atuam nas atividades de organização e monitoramento ambiental na RT, principalmente em relação à temperatura, umidade relativa e infestação de insetos, documentação individual dos itens do acervo (preenchimento de fichas catalográficas), armazenamento adequado, identificação e separação por coleções, registro fotográfico amador e inserção das informações em base de dados no programa Excel.

Na RT, foi instalado um datalogger, para fazer o monitoramento da temperatura e da umidade relativa do ar. Esse aparelho funciona como um registrador de dados eletrônico e possui dois sensores embutidos para captar a umidade relativa do ar e a temperatura do ambiente, coletando dados automaticamente durante 24 horas, por semanas ou

meses. Os dados ficam armazenados na memória interna do aparelho, para análise posterior.

O resultado das informações do datalogger vai ajudar nas tomadas de decisões relativas à conservação preventiva dos bens culturais, porque esses ambientes sofrem oscilação das temperaturas e da umidade relativa durante o dia e a noite, e ao longo da troca das estações do ano, provocando danos nos objetos como: mofo, fungo, corrosão rápida dos metais, descoloração de tinta e manchas nas madeiras e papéis. Imagem do trabalho em desenvolvimento.

As atividades práticas dos cursos de graduação geralmente são possíveis em instituições externas às universidades, porém trabalhar nesse projeto de ensino, dentro do curso de Conservação e Restauração faz muita diferença, complementa o currículo acadêmico, oportuniza ambientes de aprendizagem, discussões e práticas. Aproxima os futuros profissionais com planejamentos de ações na área da conservação preventiva e com o estudo, desenvolvendo aspectos cognitivos, responsabilidade social e capacidade de reflexão.

As práticas e teorias metodológicas fortalecem o que está escrito no PPC do Curso, com a proposta de atuarmos em instituições públicas e privadas, com gerenciamento, manutenção de acervos, buscando implementar medidas de conservação preventiva, meios de intervenção, se necessário, para evitar degradações dos bens culturais.

Referências:

CANADIAN CONSERVATION INSTITUTE (CCI); INSTITUT CANADIEN DE CONSERVATION (ICC); ASSOCIACIÓN PARA LA CONSERVACIÓN DEL PATRIMONIO CULTURAL DE LAS AMERICAS (APOYO). **Agentes de Deterioro**. Roma: ICCROM, 1998. (ICCROM (2009) edición en español). Disponível em: https://engine.patrimoniocultural.gob.cl/static/cache/binaries/articles-56474_recurso_3.pdf?binary_rand=7878. Acesso em: 20 ago. 2023.

MIRABILE, Antonio. **A Reserva Técnica também é museu**. Boletim Eletrônico da ABRACOR – Número 1. Junho de 2010, p. 4-9.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS. 2023. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/crbensmoveis/files/2023/05/PPC-Versao-6-Revisao-Maio-2023.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2023

RE-ORG. ICCROM-UNESCO. Disponível em: <https://www.iccrom.org/programmes/re-org>. Acesso em: 21 de jul. 2023.

PEDAGOGIA DA CONSERVAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE ABORDAGENS FENOMENOLÓGICA E MOLECULARES DURANTE A VIVÊNCIA DE UMA PROFESSORA SUBSTITUTA DO CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS DA UFPEL

Camilla Henriques Maia de Camargos

Professora adjunta do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFMG
Ex-Professora Substituta do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis do ICH/UFPEL

Em uma homenagem a Edson Motta (1910–1981), considerado “o pioneiro da Restauração no Brasil”¹, Carlos Drummond de Andrade escreveu:

“[...] Edson Motta consumia o seu tempo na ressurreição (é bem o termo) da arte dos outros. Um estilo de recuperação de obras de arte foi implantado no Brasil por esse homem discreto, probo, que só deixa saudades. Manter-se criador, sem egoísmo, antes dedicando-se aos outros, do passado como do presente – quantos serão capazes de realizar esse destino da maior simplicidade e pureza?”

No mesmo texto, um prefácio ao catálogo dedicado a Motta, publicado pelo Museu Nacional de Belas Artes, Drummond frisa que “a humildade do restaurador, de formação científica exemplar, casava-se nele com a chama do artista”. De fato, a conservação-restauração é um campo de atuação que combina técnica e ciência, pautando-se em um entendimento aprofundado dos materiais e técnicas constitutivos de um bem cultural, na adoção de critérios de intervenção que sejam críticos e dialogicamente embasados, assim como na implementação de ações que propiciem a valorização do patrimônio cultural e a consolidação de sua preservação.

Edson Motta, assim como outras precursoras neste âmbito, como Bethania Veloso e Maria Luisa Soares, são incontestáveis referências acadêmicas, técnicas e científicas para nós, conservadores-restauradores, docentes e discentes de cursos de conservação-restauração. São verdadeiras inspirações que, direta ou indiretamente, educam-nos e estimulam-nos a valorizar o nosso patrimônio cultural por meio de intervenções criteriosas, embasadas técnica e

cientificamente. De fato, enquanto profissionais do campo, acredito que nossas ações também devem ser estabelecidas sobre princípios pedagógicos. Não apenas quando nos tornamos professores em cursos técnicos, de graduação, de pós-graduação ou de aperfeiçoamento, como também quando a propagação da informação, a conscientização de comunidades e a valorização do sentimento de pertencimento são vetores para a implementação de políticas efetivas de preservação do patrimônio cultural.

Faz pouco tempo que escutei a expressão “pedagogia da conservação” pela primeira vez. Foi em março de 2023, durante um evento sobre nanotecnologias aplicadas a bens culturais, realizado na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Em uma conversa, Maria Luisa Soares, a Cuca, utilizou tal expressão, penso, para se referir à necessidade de se contextualizar e esmiuçar os assuntos concernentes ao campo da conservação, para que sejam realmente compreendidos, discutidos e sempre contextualizados. Ao refletir sobre pedagogia, acho importante mencionar aquele que é considerado o patrono da educação brasileira.

Em seu livro *Pedagogia da autonomia*, Paulo Freire intitula as seções do texto com axiomas maravilhosos sobre a prática docente, sobre como ensinar não é transferir conhecimento e sobre como ensinar é uma especificidade humana. As afirmações que mais me marcaram estão elencadas abaixo:

- Ensinar exige rigorosidade metódica;
- Ensinar exige pesquisa;

- Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos;
- Ensinar exige criticidade;
- Ensinar exige estética e ética;
- Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo;
- Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação;
- Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática;
- Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural;
- Ensinar exige bom-senso;
- Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos [...];
- Ensinar exige alegria e esperança;
- Ensinar exige curiosidade;
- Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade;
- Ensinar exige comprometimento;
- Ensinar exige tomada consciente de decisões;
- Ensinar exige escutar;
- Ensinar exige querer bem aos educandos.

Nesse sentido, ao delinear um cenário de prática docente por educadores críticos, inseridos na esfera da conservação-restauração, mas que não são o que Freire designou “educadores conservadores”, podemos definir a “pedagogia da conservação” (ou “pedagogia da conservação e restauração de bens culturais”) como o conjunto de ações didáticas que visam construir, sinergicamente, uma formação sólida e engajada no campo da conservação-restauração.

Salvador Muñoz Viñas, em sua Teoria Contemporânea da Restauração, define conservação como “a atividade que consiste em adotar medidas para que um bem determinado experimente o menor número de alterações durante o maior tempo possível”, e destaca que “o que caracteriza tanto a conservação como a restauração não são suas técnicas ou instrumentos, mas a intenção que governa as ações: não depende do que se faz, mas para que se faz”. Em confluência, o ensino horizontal da conservação-restauração perpassa uma compreensão íntima e a discussão dialógica

constante acerca de materiais, técnicas, valores e critérios – em diferentes níveis e a partir de diferentes abordagens.

A compreensão do mundo em seus aspectos fenomenológicos e moleculares é o princípio motivador de minha trajetória enquanto educadora do campo da conservação, pautando, precipuamente, meus esforços didáticos. No nível fenomenológico ou macroscópico, podemos observar e manipular materiais; notar e comparar fatos históricos e sociais; tomar decisões e realizar intervenções de conservação-restauração; apreciar com deleite e estupefação a beleza da pátina depositada pelo tempo sobre as coisas e a nossa pele. No nível molecular ou microscópico, compreendemos as propriedades específicas dos materiais e como modulá-las; entendemos quais fatores influenciam os tratamentos de conservação-restauração, os efeitos positivos e negativos que um procedimento pode ter em obras de arte e como aperfeiçoá-los ou evitá-los através da adequada tomada de decisões; desvendamos os mecanismos invisíveis e as transformações físico-químicas que corroboram para a degradação de bens culturais materiais e tornamo-nos capazes de propor estratégias para revertê-las ou minimizá-las.

O período de um ano em que fui professora substituta no curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis do Departamento de Museologia, Conservação e Restauo da Universidade Federal de Pelotas (Figura 1) foi marcado por muito aprendizado, muita interlocução e por muitos exercícios da “pedagogia da conservação”, especialmente através de abordagens que combinavam os diferentes níveis de compreensão dos materiais e técnicas empregados, bem como das tomadas de decisão e discussão de critérios. Integrando-me com discentes de diferentes períodos acadêmicos, engajamo-nos no estudo teórico-prático de técnicas e materiais, em disciplinas como Materiais e Técnicas II; Metodologia, materiais e técnicas de bens culturais. Abordamos os aspectos fenomenológicos e moleculares dos materiais usados em rotinas de conservação e dos próprios processos de degradação e/ou deterioração de materiais de bens culturais em disciplinas como Química aplicada à conservação e restauração I e II. Desvendamos a identificação de materiais usando técnicas

como imageamento macroscópico e ensaios espectroscópicos em Métodos, exames e análise de materiais. Compreendemos os mecanismos que desencadeiam manifestações patológicas em obras em papel e alguns dos critérios que nos podem conduzir à tomada de decisão em Conservação e Restauração de Papel II. Fui agraciada com a colaboração de monitores incríveis, além de ter tido a honra de orientar uma discente em seu trabalho de conclusão de curso, no qual contemplou o uso de nanocelulose para a reintegração de uma obra bibliográfica. A leveza e o aprendizado vivenciados ao longo de um projeto de pesquisa sobre documentação científica por imagem, envolvendo

discentes e uma amiga docente, foram mais um frescor e prazer. Também levamos a cabo, em um início de projeto muito profícuo, o estudo das técnicas e materiais da artista pelotense Benette Casaretto Motta, com a colaboração de discentes e docentes comprometidos e curiosos. Além das muitas oportunidades de contato humano e acadêmico no dia a dia, em sala de aula e nas atividades de pesquisa e orientação, também tive a oportunidade de participar de atividades ímpares, conduzidas pelo PET-CR, como algumas sessões do Cine-PET e palestras, nas quais, em diálogo, fui a que educava e era educada.



Figura 1 - Um compilado de alguns momentos vivenciados com discentes e docentes do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais da UFPel entre 2022 e 2023. Fonte: Acervo pessoal, 2022 e 2023.

Referências:

CASTRO, Aloisio Arnaldo Nunes de. **A trajetória histórica da conservação-restauração de acervos em papel no Brasil.** Juiz de Fora: Editora UFJF, FUNALFA, 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de. [Texto introdutório]. In: Museu Nacional de Belas Artes. Edson Motta [catálogo], 1982. Apud <https://www.escriitoriodearte.com/artista/edson-motta>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 69ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

VIÑAS, Salvador Muñoz. **Teoría contemporánea de la Restauración.** Madrid: Editorial Síntesis, 2010.

CORTES ESTRATIGRÁFICOS

COMO UMA ESTRATÉGIA DE ESTUDO E CONHECIMENTO NO ÂMBITO DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS

Débora da Silva Oliveira

Acadêmica do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis do ICH/UFPEL
Bolsista do Grupo PET-Conservação e Restaura
a

Anna Luísa Ortega de Freitas

Acadêmica do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis do ICH/UFPEL
Bolsista do Grupo PET-Conservação e Restaura

Jullieinny Machado Sedrez

Acadêmica do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis do ICH/UFPEL
Bolsista de Extensão PREC/UFPEL

Camilla Henriques Maia de Camargos

Professora Adjunta do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFMG
Ex-Professora Substituta do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis do ICH/UFPEL

Daniele Baltz da Fonseca

Professora Adjunta do Departamento de Museologia Conservação e Restaura do ICH/UFPEL

Introdução:

Este trabalho foi desenvolvido com os arcabouços de conhecimentos relativos à coleta e análise de cortes estratigráficos, os quais foram construídos ao longo da disciplina de Métodos, Exames e Análises de Materiais, ministrada pela professora substituta Camilla Camargos para os discentes do bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPEL e nas atividades realizadas no âmbito do projeto unificado intitulado “Investigação e contextualização das técnicas e materiais da artista pelotense Benette Casaretto Motta” no Laboratório de Ciências do Patrimônio (LACIPA).

O objetivo deste trabalho foi lançar luz sobre a importância do estudo da estratigrafia em obras de arte, especialmente no que diz respeito ao trabalho de conservadores-restauradores que podem utilizar os cortes estratigráficos como uma estratégia para entender a técnica construtiva e o estado de conservação de bens culturais a serem investigados e/ou tratados.

O corte estratigráfico consiste em uma amostra que permite a descrição e classificação das diversas camadas constituintes de um bem cultural, como

uma pintura ou escultura. As principais camadas identificáveis são: suporte, base de preparação, camada pictórica, verniz e muitas vezes camadas adicionais ou faltantes, a gosto do artista. Para a realização de estudos estratigráficos, é necessária a retirada de uma microamostra da obra que deve ser cuidadosamente removida em posição transversal, preferencialmente em regiões já danificadas do bem cultural, de acordo com a metodologia sugerida por Figueiredo Junior (2012).

Depois disso, a amostra de corte estratigráfico deve ser embutida em uma resina, como poliéster ou epóxi, e analisada em microscópio óptico. Os estudos com cortes estratigráficos permitem a possibilidade de saber se existiram intervenções anteriores, quais as camadas cromáticas, bem como o período histórico e as técnicas utilizadas na execução da obra.

No entanto, é um método invasivo, pois é retirado da obra um pedaço, mesmo que minúsculo, o qual deve ser um tanto profundo, a fim de coletar todas as camadas de substâncias, tornando - se um método preocupante, pois conforme você tira um pedaço, vários outros ao entorno podem cair junto. Por isso é imprescindível treinamento adequado

e muito cuidado durante o procedimento, afinal, uma obra muito fragilizada precisa ser manuseada criteriosamente e, pois pode prejudicar a leitura da obra, então assim que possível, necessita de ser adequadamente consolidada.

A resina em que o embutimento vai ser feito também deve ser escolhida de modo apropriado, pois se for feito de modo incorreto, ocasionará mais retiradas de amostras.

Metodologia:

No âmbito da disciplina de Métodos, Exames e Análises de Bens Culturais, foram analisadas pinturas que são recursos didáticos sem valor histórico ou artístico.

Dentro do projeto de pesquisa “Investigação e contextualização das técnicas e materiais da artista pelotense Benette Casaretto Motta”, foram selecionados quadros da artista a que se pode ter acesso, pertencentes a proprietários privados (Lopes et al., 2023). As pinturas foram higienizadas mecanicamente e os dados sobre as mesmas foram registrados.

A coleta de amostras (cortes estratigráficos) foi feita da seguinte forma: As obras foram colocadas sobre uma bancada e delas foram retiradas fragmentos triangulares com profundidade suficiente para alcançar da camada pictórica ao suporte sendo retirados com estiletos de precisão, bisturis e pinças metálicas. Após a coleta, as amostras foram armazenadas em tubos Eppendorf devidamente identificados.

Na seqüências, essas amostras foram embutidas em resina acrílica autopolimerizante transparente ou em resina epóxi transparente de baixa viscosidade, em moldes cúbicos de silicone. Depois que a resina estava 100% curada, as amostras embutidas foram retiradas dos moldes e lixadas com lixas d'água (220 e 400), até que os cortes fossem “revelados” na superfície da resina e esta estivesse o mais lisa possível e sem imperfeições. Os cortes estratigráficos embutidos foram então analisados em um microscópio óptico Olympus, sendo as imagens capturadas com objetivas de magnificação de 4x, 10x e 40x, utilizando-se uma câmera CMOS acoplada à lente ocular do microscópio.

Resultados e Discussões

Como a coleta e preparo de cortes estratigráficos é uma tarefa difícil, minuciosa e com muitos fatores a serem considerados, é normal ocorrer dificuldades especialmente quando ainda é preciso adquirir prática.

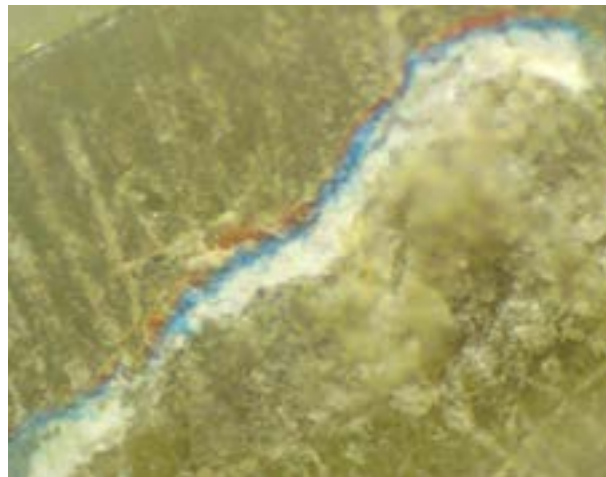


Figura 1 - Corte estratigráfico. Fonte: LACIPA, 2023.

Na figura 1, é possível ver um exemplo de corte estratigráfico visto ao microscópio óptico que precisaria ser melhor lixado.

É possível observar três camadas principais:

- (1ª) base de preparação branca;
- (2ª) imprimação ou camada pictórica composta por pigmento azul;
- (3ª) camada pictórica em tinta à óleo composta por pigmento marrom.

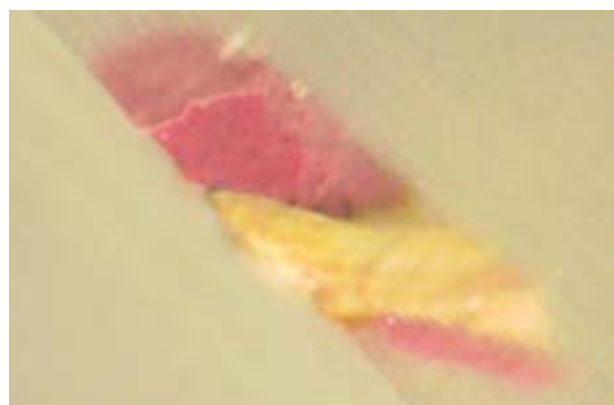


Figura 2 - Corte estratigráfico. Fonte: LACIPA, 2023.

Na figura 2, é possível observar um corte estratigráfico mais uniforme, com a superfície da resina epóxi mais homogênea coletada de uma pintura a óleo da artista Benette Casaretto Motta,

que pertence à mãe da professora Daniele Baltz. Nesse caso, a amostra, que foi coletada de uma flor de coloração rosa, mostra que existem três massas de cor principais que formam essa região da camada pictórica:

- (1^a) camada inferior rosa;
- (2^a) camada do meio amarela;
- (3^a) camada superior rosa.

Conclusões:

O principal objetivo do trabalho é demonstrar como o corte estratigráfico é uma estratégia através da qual conservadores-restauradores podem entender as características de bens culturais e obras de arte. O procedimento para retirada e preparo dos cortes estratigráficos não é trivial e

deve ser feito de modo cuidadoso, para permitir uma boa interpretação das informações trazidas pelas amostras. Como uma atividade de pesquisa, a atividade desenvolvida foi muito proveitosa para os discentes do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis envolvidos, que tiveram um primeiro contato com esse tipo de técnica de análise de materiais.

Agradecimentos:

Agradecemos ao LACORPI, ao LACIPA e ao Laboratório de Documentação do Instituto de Ciências Humanas da UFPEL pela infraestrutura. Agradecemos às monitoras, Chaiani e Darlene, e aos discentes Aline, Letícia, Márcio, Margalis, Maria Celoi, Isadora, Natália e Clara pelas contribuições durante a coleta e preparo de cortes estratigráficos.

Referências:

FIGUEIREDO JUNIOR, J. C. D. **Química aplicada à conservação e restauração de Bens Culturais**. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2012.

LOPES, L. Q.; PARENTE, C. F. F.; BATTISTI, C.; CAMARGOS, C. H. M.; FONSECA, D. B. **Investigação e contextualização de técnicas e materiais da artista pelotense Benette Casaretto Motta – ações preliminares**. Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. especial, n. 1, p. 90-105, 2023.

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE PASSAGEM NO CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS DO ICH/UFPEL

Juliana Cavalheiro Rodrighiero

Restauradora de Pintura Decorativa e Mural no Atelier Mériquet-Carrère (Paris/França)
Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural pelo PPGMP/ICH da UFPEL
Doutora em Antropologia pelo Laboratoire Interdisciplinaire de Recherches Sociétés, Sensibilités, Soins (LIR3S)
da Université de Bourgogne Franche-Comté
Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU da UFPEL
Bacharela em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis pela UFPEL
Ex-Bolsista do Grupo PET Conservação e Restauo da UFPEL
Técnica em Edificações formada pelo IFSul

A conservação-restauração não foi a minha escolha óbvia. Ao concluir a minha formação em Técnico em Edificações pelo Instituto Federal Sul Riograndense (IFSul), a tendência — pelo menos da maioria dos meus colegas na época — era cursar a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo ou Engenharia Civil. Para minha sorte, no meio do ano, quando fui me inscrever para o SISU, não haviam vagas para o curso de Arquitetura e isso me fez ampliar meu direcionamento de modo a selecionar um curso no qual eu pudesse cursar — pelos próximos semestres. A intenção era associar, de alguma forma, a minha formação anterior em Técnica em Edificações e foi assim que encontrei o curso de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

O curso de Conservação-Restauração não era óbvio, mas era uma escolha coerente. Na época era um curso recente, tinham poucas turmas formadas e mesmo não sendo uma profissão muito conhecida, tinha um propósito bem definido. Através de uma pesquisa rápida na internet, já entendi que o curso era complexo, envolvia diferentes matérias e técnicas e decidi me lançar nesta aventura.

Nos primeiros semestres, eu ainda estava entendendo o que essa profissão oferecia e como eu me encaixava nesta realidade. Posso dizer que os dois primeiros semestres foram processos de descoberta e compreensão, mas, nos semestres seguintes, entendi a minha missão enquanto futura conservadora-restauradora e foi isso que me fez persistir na faculdade. Toda a responsabilidade

determinada, assim como a possibilidade de ver um objeto sob uma ótica diferente das demais pessoas e, acima de tudo, a oportunidade de valorizar aquele bem cultural, foram aspectos que me fizeram apaixonar pelo curso.

Sempre fui uma aluna proativa, interessada e curiosa. Por isso, estudava muito e fazia muitas anotações em cada aula, em cada evento e em cada visita guiada, pois via todas as atividades como oportunidade de conhecimento.

No mais, queria entender cada detalhe e buscava recursos extras aos que eram oferecidos nas aulas: sejam livros, referências e bibliografias.

Atrelado a isso, participei de muitas atividades e aqui, destaco o grupo PET Conservação e Restauo, no qual fui bolsista entre o período de 2014 a 2017, ou seja, praticamente durante toda a minha graduação. Não consigo pensar na minha formação profissional/acadêmica sem pensar na contribuição do grupo PET, pois as mais de 200h de atividades complementares foram todas realizadas por meio deste programa (sem contar as 2.400h de participação)

Na época, como tutora, a professora Francisca Ferreira Michelin foi uma grande motivação, inspiração e uma mãe para nós petianos. Tínhamos uma motivação extra para participar das atividades, para aprimorar nossa escrita, para aprender a preencher o currículo no Lattes, para a elaboração de artigos. Trabalhar em grupo nunca era fácil, no entanto, tínhamos uma boa equipe, nos entendíamos e éramos produtivos.

Como petiana, lembro da organização dos eventos como a Calourada, Festa Junina, Aula Inaugural, CinePET, Relatos de Experiências, De tudo um pouco e dentre tantos outros eventos. Lembro-me que éramos entusiasmados e por vezes fazíamos diversos eventos onde os participantes se resumiam aos professores e nós petianos, porém, nunca parávamos de pensar em atividades.

Em 2016, participei do XIX SULPET realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde ganhamos destaque na Área de Ciências Sociais Aplicadas com o trabalho intitulado: “Um grupo por um curso: O PET Conservação e Restauro e o cenário de uma profissão emergente”. Igualmente participei da idealização e da organização da primeira “Jornada de Museologia, Conservação e Restauro”. Além de participar do evento, também ministrei a oficina de AutoCAD, apresentando o programa aos alunos e indicando possibilidades de uso deste programa na nossa área, especialmente na construção de mapas de dano. Ainda, como petiana, participei da realização de visitas mediadas no Cemitério São Francisco de Paula, na Bienal do Mercosul em Porto Alegre e no Centro Histórico de Pelotas. Todas essas atividades me inspiraram dia após dia ao ver as diferentes possibilidades que nós, como futuros restauradores, poderíamos atuar.

Para mais, ao longo da graduação, além da compreensão da conservação preventiva, dos estudos sobre documentação e exames, tive a oportunidade de trabalhar com diferentes suportes como, por exemplo, madeira, papel, tela, pintura mural, materiais cerâmicos, gesso e materiais pétreos. Ainda que a minha especialização no futuro tenha sido direcionada à pintura (mural e decorativa em bens integrados), a oportunidade de conhecer, compreender e saber lidar com todos esses diferentes suportes me tornou uma profissional responsável e completa.

Sob a mesma perspectiva, também tive ótimos professores que me inspiraram para seguir na área: alguns professores não só me inspiraram como me motivaram a continuar na faculdade. Sem dúvidas, posso começar pelo professor Roberto Heiden, uma grande e motivadora inspiração, que nas suas aulas de materiais e técnicas me fez descobrir uma paixão pela técnica em grafite e nanquim e, as suas aulas de história da arte, me fizeram viajar, possibilitando

a ampliação do meu conhecimento, mas não só isso: entender a importância das artes estrangeiras mas também da nossa arte brasileira. Anos depois, quando visitei o Musée du Louvre e o Musée d'Orsay, ainda conseguia lembrar-me claramente de cada uma das suas explicações sobre os artistas.

Professora Maria Letícia Mazzucchi Ferreira que na sua complexa matéria de Memória e Patrimônio, logo já no primeiro semestre, me despertou o interesse pela França e pela língua francesa. Professora Luísa Carvalho, um gênio da iconografia-iconologia que sempre nos mostrou que poderíamos fazer análises infinitas: por exemplo, na disciplina de Iconografia e Iconologia, fiz uma análise das esculturas da Catedral Gótica de Reims, na França. O professor Pedro Sanches, que na disciplina de peritagem me fez entender que o meu perfeccionismo também era uma qualidade. Com a professora Karen Caldas, descobri a teoria contemporânea da restauração e mesmo que na graduação tenha sido tão difícil de compreendê-la, foi a minha maior referência no doutorado, defendido em outubro de 2023.

Além dos professores efetivos, também tive ótimos professores substitutos, que me proporcionaram experiências únicas. Professora Isabel Torino, que nos ofertou a disciplina de técnicas de douramento, um aprendizado único pautado na sua experiência em um curso na França e a professora Verônica Bilhalba dos Santos, que nos possibilitou a primeira oportunidade de restauração de um acervo museológico, na disciplina de Madeira.

Durante a disciplina de Madeira I e II, tive a oportunidade de trabalhar com os acervos do Museu da Baronesa e com duas colegas escolhemos uma cadeira no estilo barroco-rococó para realização da intervenção de restauração. Nesta atividade, realizamos a pesquisa histórica, a realização de exames, proposta de intervenção, o levantamento de materiais, elaboração de orçamento, gerenciamento de prazos e, obviamente, a intervenção de restauração e acondicionamento. Considero este trabalho como uma grande referência no meu percurso acadêmico, pois, através dele, foi publicado um artigo na revista Expressa Extensão, em 2015, intitulado “Um objeto para a memória da cidade: o restauro da cadeira doada pela família Ribas Maciel ao Museu Municipal Parque da Baronesa”. Além

disso, também recebi o destaque na sala de Ciências Sociais no II Congresso de Ensino de Graduação, em 2016, com a apresentação do trabalho com o mesmo título do artigo. Para mais, esta atividade de extensão desenvolvida foi citada como referência no livro “Restauro e antiquariato” publicado em 2016 pelas autoras Ana Carina Urbano Torrejais Mirza Maria Baffi Pellicciotta Rita de Cássia Francisco, nos quais são citados:

“Alunos do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas restauraram um móvel do Museu Municipal Parque da Baronesa, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, e publicaram o processo vivenciado na revista Expressa Extensão. A atividade contou com a elaboração de um diagnóstico de conservação, com a realização de exames invasivos e não invasivos, bem como com ações de restauro. Leia o texto indicado a seguir [...]Preste atenção em todas as etapas e ações desenvolvidas. Agora, em grupo, analise os procedimentos empregados e reflita sobre eles, traçando considerações sobre as razões e importância dessas atividades.” (MIRZA, PELLICCIOTTA, FRANCISCO, 2016, P. 177-178).

Além de tais atividades, durante a minha trajetória acadêmica, trabalhei na conservação curativa de um quadro de formandos da Agronomia UFPEL, de materiais arqueológicos do LEPAARQ UFPel e a restauração de um documento do Museu do Telefone (UFPel). No que se refere a estágios, realizei um estágio não-obrigatório no Museu da Bibliotheca Pública Pelotense, nos quais tive a oportunidade de trabalhar na reserva técnica do Museu, no tratamento de conservação preventiva, realização de acondicionamento e organização da reserva técnica. Já o meu estágio obrigatório, foi

realizado na Fototeca UFPEL, onde fui responsável pela conservação preventiva das coleções e responsável pela organização e documentação do acervo fotográfico (catalogação e inventário) e ainda pelo desenvolvimento de suportes para acondicionamento e transporte do acervo.

Se encaminhando para a conclusão do curso, tive um trabalho aprovado para ser apresentado na “VI Jornada de Conservação e Restauração - IV Semana Carioca de Preservação” realizado na Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro em 2016, onde apresentei um recorte do meu trabalho de conclusão de curso. No que se refere ao meu trabalho de conclusão de curso, desenvolvi minha pesquisa tendo como ênfase as políticas de preservação em Pelotas, me concentrando no patrimônio arquitetônico. Intitulado em “Políticas de Preservação em Pelotas: Análise do estado de conservação de uma amostragem de Bens Culturais Edificados da Zona de Preservação 01”, meu trabalho foi orientado pela professora Maria Letícia Mazzucchi Ferreira e defendido em 2017 com a obtenção da nota 10. Conclui o curso de conservação e restauração em 2017, no qual obtive a menção honrosa, como a melhor aluna da classe, com uma média geral de 9,7.

Por fim, destaco a relevância das atividades desenvolvidas no curso, especialmente pelo Grupo PET e como estas atividades colaboram para a nossa formação profissional-acadêmica. Hoje trabalhando como restauradora de pintura decorativa e mural na França, consigo observar a qualidade da formação técnica do nosso curso de conservação e restauração, e o privilégio de ter professores qualificados transmitindo o seu conhecimento.

Referências:

RODRIGHIERO, J. C.; BEHLING, A. C. K.; DE PEREIRA, P. P.; DOS SANTOS, V. C. B. **Um Objeto Para A Memória Da Cidade: O Restauro Da Cadeira Doada Pela Família Ribas Maciel Ao Museu Municipal Parque Da Baronesa.** Expressa Extensão, v. 20, n. 2, p. 130-140, 16 jun. 2016.

TORREJAIS, A. C. U.; PELLICCIOTTA, M. M. B.; FRANCISCO, R. C. **Restauro e antiquariato.** Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016.

RELATO SOBRE MINHA TRAJETÓRIA

COMO ALUNA E AGORA PROFESSORA EFETIVA DO CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS DO ICH/UFPEL

Mirella Moraes de Borba

Professora efetiva do Departamento de Museologia Conservação e Restauo do ICH/ UFPEL
Doutora em Letras pelo PPGL/ UFPEL
Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural pelo PGGMP do ICH/UFPEL
Bacharela em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis ICH/UFPEL
Ex-Bolsista do Grupo PET Conservação e Restauo da UFPEL

Oriunda de escola pública, nascida e criada na cidade de Pelotas no sul do Rio Grande do Sul, cidade que preserva rico acervo patrimonial gaúcho, ingressei na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no ano de 2012, no curso de Bacharelado em Conservação e Restauo de Bens Culturais Móveis, logo após realizar meu primeiro ENEM. A escolha pela carreira ocorreu pela curiosidade que envolvia os objetos históricos, saber a história por trás daquelas peças em exposição ou como chegaram até ali, foram questões que me motivaram a entrar no curso.

Ainda no primeiro semestre participei da seleção para bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET), sendo contemplada com uma bolsa que me possibilitou a dedicação exclusiva às atividades acadêmicas. Foi, então, sob a tutoria da professora Francisca Ferreira Michelin que comecei a trabalhar em diversas áreas do curso, em que pude participar de projetos nos eixos de ensino, pesquisa e extensão. Participar do PET foi determinante para o sucesso da minha formação, sem dúvidas abriu muitas portas da jornada acadêmica que ainda percorro.

Um dos primeiros projetos que participei foi o projeto de extensão “Conservação e Documentação de Acervos: a coleção CCS - Coordenadoria de Comunicação Social da UFPEL”, momento que tive meu primeiro contato com a “Fototeca Memória da UFPEL”, ambos coordenados pela professora Francisca Ferreira Michelin. Nesse momento da minha trajetória, minha atenção foi voltada para as fotografias, entretanto, além disso, tive a primeira oportunidade de trabalhar com documentos em suporte em papel.

Além da Fototeca, também, participei de outros projetos na graduação, um deles foi o de “Pintura Decorativa: Resgatando Técnicas” coordenado pela professora Andréa Lacerda Bachettini, cujo objetivo era o de conhecer os materiais e as técnicas utilizadas nos séculos passados em trabalhos de pintura mural, esse projeto foi fundamental para meu aprimoramento na área de pintura, uma vez que se constituiu como meu primeiro contato com a área.

No ano de 2016, após seleção, consegui uma bolsa Santander para realizar um intercambio na Universidade do Porto, na cidade do Porto em Portugal. Por lá, realizei meu estágio obrigatório no Museu da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), cujas atividades foram direcionadas para o diagnóstico e prevenção de acervos de desenhos gráficos em suporte papel. Foi neste período que desenvolvi, juntamente, com uma equipe multidisciplinar do museu uma exposição sobre problemas de conservação e restauração em papel com as obras que, na época, faziam parte do acervo do próprio Museu da FBAUP.

Os acervos escolhidos foram divididos pelos tipos de danos: envelhecimento natural, métodos de produção, problemas de armazenamento e materiais que não se pode prever como irão envelhecer, ao todo a exposição contou com dez obras divididas entre os tópicos selecionados pela equipe em um acervo que contava aproximadamente com 5 mil peças. Ao retornar para o Brasil escrevi junto a minha orientadora Francisca Ferreira Michelin sobre a experiência da exposição o texto “Questões de conservação - desenho contemporâneo da coleção da Faculdade de Belas Artes do Porto”.

Ainda em 2016, dei início às pesquisas sobre patrimônio industrial, que resultou no meu trabalho de conclusão de curso (TCC), intitulado “Um olhar sobre o patrimônio industrial: elementos para o Memorial da extinta Laneira Brasileira S.A”, defendido e aprovado como último critério para a colação de grau no curso de Conservação e Restauração. Falei início, pois no mesmo ano escrevi o projeto para seleção de aluna regular no mestrado do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Memória Social e Patrimônio Cultural, sobre memórias de mulheres operárias, em que fui selecionada para ingressar no PPG e dar continuidade à pesquisa na área de patrimônio industrial.

Dessa forma, a fábrica surgiu na minha pesquisa como um lugar no qual expectativas, receios e vontades emergiram de um tempo em que o ritmo de trabalho cadenciava as possibilidades da vida de cada uma das mulheres entrevistadas para a pesquisa. O interesse nas memórias delas foi, também, uma forma de buscar entender como se davam as relações interpessoais naquele espaço que se hoje vazio, também é, como em todo o patrimônio industrial, pleno de referências aos valores de uma época. Ainda na dissertação, voltei minha atenção para a análise das memórias femininas, que conforme Perrot (2005) são constituídas a partir dos papéis sociais que as mulheres, tipicamente, ocuparam na sociedade, sendo as memórias organizadas socialmente e não biologicamente.

A dissertação foi um ponto marcante dentro da minha trajetória acadêmica, pois foi por meio dela que tomei conhecimento de diversas questões sobre memória e patrimônio e das condições das mulheres, de como, essas condições sociais de que fazemos parte, nos assujeitam e nos moldam conforme a sociedade impõe. Do mesmo jeito, insurgiram questões sobre o patrimônio ser pensando como resistência, foi seguindo este caminho que comecei a desenvolver meu projeto para o doutorado.

Foi, também, durante o mestrado que iniciei uma segunda graduação, nesse momento de descobertas percebi que minha vocação era para a docência e, assim, ingressei no curso de Licenciatura em Letras-Português em 2018/2 na UFPEL. Com isso, ao concluir meu mestrado, optei por tentar o doutorado no PPG Letras da UFPEL, sendo uma área nova e diferente da minha formação, busquei

pelos pontos em comum e encontrei na memória e no patrimônio industrial as conexões necessárias para a elaboração de um projeto que desse continuidade ao que já vinha pesquisando.

Desse modo, em 2019/2, fui aprovada para cursar o doutorado no PPG Letras na linha de texto e discurso, em que direcionei minhas pesquisas para as memórias e resistências de mulheres operárias sob a ótica da Análise do Discurso Materialista.

Na minha pesquisa de doutorado analisei os discursos de mulheres que fazem ou fizeram parte da classe operária; tais discursos, dessa forma, pertencem a sujeitos que ocupam duplamente posições dominadas. Parti do princípio de que homens e mulheres ocupam posições antagônicas engendradas historicamente, tendo, em sua constituição, a luta de classes. Para tanto, é preciso elucidar que tomamos como base referencial teórica o materialismo histórico, mais especificamente, Pêcheux (2018) que compreende que os sujeitos são assujeitados de acordo com as condições de produção em que estão inseridos.

Assim, os discursos de algumas mulheres operárias apresentam uma resistência frente ao discurso dominante, pois na análise do discurso materialista os discursos estão sempre em uma luta ideológica entre as posições dominantes e posições dominadas. Portanto, conforme Pêcheux (2018) os discursos das classes dominantes são predominantes na sociedade, porém existe “algo que falha” na interpelação dos sujeitos, o que carrega em si o princípio da contradição, que por sua vez, constitui o discurso de resistência.

É nessa linha de pensamento que compreendo o patrimônio industrial como um discurso de resistência, uma vez que ao invés de privilegiar a salvaguarda de espaços tipicamente da classe dominante, os espaços industriais contam uma história do proletariado. A preservação desses espaços é, também, uma forma de preservar as memórias que remetem, não só ao trabalho, mas também às formas de viver em sociedade para as mulheres que por lá passaram.

No maior estilo “o bom filho a casa torna”, ano de 2023 chegou cheio de novidades e oportunidades, que me permitiram a retomada de projetos que estavam engavetados desde o mestrado, bem

como, a reaproximação com a área de conservação e restauração. Tal oportunidade veio na forma da nomeação como professora substituta no curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, sendo responsável por lecionar as disciplinas de Papel I e II, Porém, não foi só isso que o ano de 2023 me trouxe, ele também me presenteou com um concurso para professora efetiva da Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, na UFPEL, em que fui aprovada e nomeada em setembro de 2023.

Atualmente, atuo como professora no curso de Conservação e Restauração da UFPEL, lugar que me permitiu crescer e me desenvolver, não só profissionalmente e academicamente, mas, também, como uma pessoa que aprendeu a se posicionar criticamente frente às adversidades impostas socialmente. Portanto, pretendo a partir das aulas ministradas por mim e dos projetos que coordeno ou faço parte, despertar o ímpeto de crescimento em meus alunos, buscando sempre uma educação de qualidade.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO NO PALÁCIO PIRATINI

Renata Almeida Teles

Acadêmica do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis do ICH/UFPeI
Bolsista do Grupo PET-Conservação e Restauro

No mês de outubro de 2023, tive oportunidade de realizar meu Estágio Curricular Obrigatório no Palácio Piratini, em Porto Alegre, sob a orientação da professora Andréa Lacerda Bachettini e supervisão da Conservadora-Restauradora Isis Fofano Gama, egressa do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que atua no Departamento de Conservação e Memória do Palácio Piratini.

A instituição é a sede oficial do governo do estado do Rio Grande do Sul e, além da sua função como centro político, abriga um valioso acervo histórico e cultural da região, sendo palco de eventos importantes, desde cerimônias oficiais até exposições culturais.

Durante todo o estágio, minha atuação concentrou-se no Setor de Conservação e Memória e o seu ponto inicial deu-se a partir da aplicação do RE-ORG na Reserva Técnica do Palácio Piratini, atividade que perdurou até o final dessa experiência. O REORG trata-se de um método de reorganização utilizado para melhorar a gestão e conservação de reservas técnicas de museus, e a sua aplicação na Reserva Técnica do Palácio Piratini envolveu a reorganização física e documental do acervo, visando melhorar o acesso, a conservação e a segurança das peças. Essa atividade incluiu a identificação e catalogação dos itens, a avaliação de condições de armazenamento e a implementação de medidas de conservação preventiva.



Figura 1 e 2 - Antes e depois da aplicação do REORG na Reserva Técnica do Palácio Piratini.

Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Dentre as outras atividades realizadas durante o estágio, destaco a atividade de limpeza química e mecânica em balaustradas e em lustres de bronze. A limpeza química de balaústres envolveu a remoção de acúmulos de sujeira e detritos acumulados, e a limpeza dos lustres de bronze envolveu a aplicação de solução química visando remover camadas de sujeira, oxidação e resíduos acumulados ao longo do tempo. Tais procedimentos contribuíram não apenas para a estética do ambiente, mas também para a preservação a longo prazo desses elementos que compõem o Palácio Piratini.

Além das atividades mencionadas, também destaco a realização de retoques de douramento

em ornamentos da antessala do Gabinete Oficial do Governador, e a oportunidade de acompanhar uma visita técnica de fiscalização de contrato da restauração de móveis pertencentes ao Palácio Piratini. Ainda menciono a minha participação na atividade “RESTAURO AO VIVO”, uma parceria entre o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) e o Palácio Piratini, onde pude acompanhar a restauração da obra “Sem Título” de 1991, do artista Nunos Ramos, realizada pelas restauradoras Isis Fófano e Fernanda Rodrigues, também egressa do curso de Conservação e Restauração da UFPEL.

Ao concluir este relato de experiência, é impossível



Figura 3 - Limpeza química de lustre de bronze. Fonte: Acervo pessoal, 2023.

não refletir sobre todo aprendizado vivenciado durante o estágio Curricular Obrigatório. Cada atividade contribuiu para uma compreensão mais profunda da preservação do patrimônio cultural e do meu papel enquanto discente do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis.

A supervisão da Conservadora-Restauradora, Isis Fofano, uma egressa do curso de Conservação e Restauração da UFPEL, desempenhou um papel muito importante na minha formação durante a realização do estágio. A supervisão de alguém que trilhou o mesmo percurso acadêmico ofereceu uma perspectiva sobre a atuação do Conservador-Restaurador e sobre a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos durante o curso. Além disso, essa experiência proporcionou uma conexão entre o aprendizado acadêmico e o mercado profissional e uma compreensão sobre a dinâmica, desafios e responsabilidades inerentes à atuação profissional em uma instituição como o Palácio Piratini.



Figura 4 - "RESTAURO AO VIVO" no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul.
Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Figura 5 - Último dia de estágio após a finalização da reorganização da Reserva Técnica do Palácio Piratini.
Fonte: Acervo pessoal, 2023.

O CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS DA UFPEL: MEMÓRIAS DE UMA DÉCADA E MEIA DE FORMAÇÃO E AÇÃO COM O PATRIMÔNIO NO SUL DO BRASIL

Roberto Heiden

Professor Adjunto do Departamento de Museologia Conservação e Restauro do ICH/ UFPEL

A construção de uma área de conhecimento e de um campo profissional específico, dos espaços por onde irão circular os atores envolvidos com esse campo, é um quebra-cabeças com muitas peças, no entanto, a imagem final formada pela junção dessas peças não tem um mapa prévio pelo qual os atores responsáveis pela sua montagem poderão planejar o seu trabalho. A imagem resultante desse percurso é algo que vai se revelando na medida em que essas peças vão sendo associadas, e a montagem tem como recursos as habilidades que vão sendo desenvolvidas e aperfeiçoadas por todos esses atores, na medida em que eles próprios constroem e percorrem os seus caminhos. Para celebrar os 15 anos de criação e de funcionamento do Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) levei esses aspectos em consideração nesse exercício de uma memória que se apresenta como texto escrito. Essas são algumas das metáforas possíveis que posso recorrer para falar desse processo tão dinâmico que é a constituição de uma área acadêmica e profissional, e cujo nosso curso da UFPEL foi uma das instituições centrais na sua organização (podemos falar isso sem modéstia, pois temos muito o que nos orgulhar).

Nessa perspectiva, primeiramente relato que durante as comemorações pelos quinze anos da criação e funcionamento do Bacharelado, foi reforçado em mim o sentimento e a convicção sobre a importância desses ritos de passagem, de celebrarmos nossas datas simbólicas e, sobretudo, nossas conquistas ao longo dessa jornada acadêmica. Dessa forma, gostaria de ilustrar esse sentimento com uma imagem de outra celebração, ainda anterior a essa dos 15 anos, no caso, a fotografia com a imagem da comemoração dos 10 anos de criação do bacharelado (Figura 1).



Figura 1 - Representantes descerram placa comemorativa dos dez anos do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis no ano de 2018.

Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Na imagem acima, da esquerda para a direita, descerram uma placa comemorativa quatro importantes atores para a história do curso, dentre muitos outros que com a mesma relevância poderiam aqui estar representados, a saber: Maria Leticia Mazzucchi Ferreira, primeira coordenadora e integrante da comissão de criação do curso, Professor Sidney Gonçalves Vieira, que naquele momento da foto era o Diretor do Instituto de Ciências Humanas (ICH), Karen Velleda Caldas, naquele momento coordenadora do bacharelado e

também, cabe destacar, egressa da primeira turma formada e, por fim, o professor Fábio Vergara Cerqueira que na época da criação do curso era Diretor do ICH e membro da comissão de criação do bacharelado.

Essa foto poderia ser substituída por outras que representassem inúmeros outros atores que foram igualmente importantes para a criação e a consolidação do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPel. Mas ela simbolicamente representa justamente esse que é um dos aspectos incríveis daquilo que dá materialidade a um curso dessa natureza: o trabalho coletivo e o saber compartilhado entre muitos. Dessa forma, aproveito para dizer que meu texto está pautado pela memória e por suas especificidades, ou seja, a de que ela é constituída de lembranças, mas também por ausências e esquecimentos, esclarecendo desde já que nesse segundo aspecto não se trata de invisibilizar ou omitir fatos e pessoas, mas sim, de pautar minha narrativa em algumas lembranças que emergiram

no momento dessa escrita e que considere importante compartilhar. Seguramente eu poderia escrever outros textos com outras lembranças igualmente importantes, mas que compartilhariam de um mesmo sentimento e desejo da celebração e, sobretudo, o reconhecimento de que muitos são responsáveis pelo curso e as suas conquistas.

Um dos primeiros aspectos que me ocorre relatar foi a organização do “1º Encontro sobre o Patrimônio de Vitrais” realizado por nosso curso de Conservação e Restauração em Conjunto com o Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural também da UFPel em setembro de 2009. O evento se constituiu a partir de um workshop prévio que visitou espaços históricos da cidade de Pelotas, tais como a Igreja Anglicana e a Catedral São Francisco de Paula, para análise in loco de vitrais preservados, de suas técnicas constituintes, bem como de aspectos iconográficos e iconológicos. Ao fim, em atividade acadêmica de encerramento, a conservadora-restauradora Mariana Wertheimer, especialista em vitrais, realizou conferência de



Figura 2 - Acima, detalhe do cartaz de divulgação do encontro.
Fonte: Acervo pessoal, 2009.

encerramento sobre a história dessa técnica. Foram também abordados aspectos como as principais patologias degradantes de vitrais, a importância cultural desses bens, seus aspectos estilísticos, materiais, técnicas e ferramentas utilizadas para a conservação-restauração de vitrais, dentre outros (Figura 2).

Cabe-se destacar que no ano de 2009 nosso curso recém completava um ano de funcionamento. Dessa forma, mais da metade do corpo docente ainda não havia sido contratado, não possuíamos servidores técnico-administrativos e laboratoriais e tampouco as próprias turmas ainda não estavam completas. Além disso, uma de nossas preocupações centrais era o processo de reconhecimento do curso pelo INEP/MEC, ocorrido com sucesso, e com muito esforço, três anos depois. Comparado com nossas realizações do presente, o evento parece pequeno. Mas visto cronologicamente de trás para frente, ele foi um grande esforço e representou o início de uma característica marcante de nosso bacharelado e que se repetiu com frequência nesses quinze anos: o diálogo intenso com a comunidade e a interação direta com o patrimônio cultural local.

Outra passagem importante que gostaria de recordar é o evento que ocorreu entre 18 a 22 de março de 2013: a “Semana da Conservação e Restauo de Pelotas”. Esse evento incluiu três atividades, a saber: a Mostra Científica de Conservação e Restauo; o Encontro de Conservação e Restauração de Fotografias e o Fórum de Estudantes de Conservação e Restauo. Gostaria de destacar justamente a terceira atividade, que se constituiu como o primeiro encontro nacional de estudantes de graduação da área de conservação e restauração no Brasil. Na prática, esse foi o encontro dos estudantes do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis de Pelotas com um grande grupo de estudantes do Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que, com o apoio de sua própria universidade, veio a Pelotas e esteve aqui durante uma semana. Além disso, também vieram individualmente estudantes do curso de Conservação e Restauração criado na época pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e estudantes de outros cursos de graduação, pós-graduandos e profissionais de outras áreas

correlatas e interessados.

Dentre os vários aspectos históricos que poderiam ser aqui destacados em relação a esse encontro, gostaria de mencionar o testemunho de ver os jovens estudantes de conservação-restauração terem a oportunidade pela primeira vez de compartilharem experiências, anseios e mesmo receios quanto aos seus percursos acadêmicos e possibilidades/potencialidades profissionais com outros estudantes da mesma área, porém, de outras instituições. Pode parecer pouco, na medida que isso é muito comum em áreas já consolidadas, mas para a área da conservação-restauração era algo que começava a acontecer. Na prática, esses compartilhamentos de visões e experiências fomentaram o crescente processo de constituição de um perfil/identidade acadêmica/profissional para essa nova geração de conservadores-restauradores que se formariam não mais em áreas correlatas, motivados por interesses pessoais, mas em um curso específico: um bacharelado em conservação-restauração de bens culturais. O importante é mencionar que com o tempo novos eventos na área começaram a ocorrer, com destaque para a “Semana de Conservação e Restauração” promovida anualmente pela UFRJ, cuja participação do curso da UFPel foi constantemente destacada, tanto por meio dos seus professores, como estudantes.

Um dos resultados do encontro em Pelotas, além do estabelecimento de diversos contatos e parcerias interestaduais estratégicas, foi a redação da “Carta de Pelotas sobre a Conservação e Restauo de Bens Culturais no Brasil, de março de 2013”. Esse texto pode ser considerado um documento histórico para estudos a respeito de como evolui esse processo de organização do campo de atuação da conservação-restauração de bens culturais. Isso ocorre porque o texto, que foi coletivamente produzido (sou uma das testemunhas desse processo e participei diretamente das articulações que deram origem ao manuscrito final), aponta para várias situações que envolvem tanto estudantes como profissionais da área, tais como a publicação de editais para concursos para conservadores-restauradores, a participação dos estudantes em estágios curriculares obrigatórios e não-obrigatórios, a necessidade de se implementarem diretrizes curriculares mínimas para cursos de graduação em

conservação-restauração de bens culturais, dentre outros. Ou seja, os temas contemplados pela Carta de Pelotas são temas que dialogam diretamente com o histórico institucional não só do campo da conservação e restauração dos bens culturais móveis, como com o próprio processo histórico de criação e organização do curso da UFPel e de outras universidades no país.

Uma terceira e última lembrança que gostaria de compartilhar diz respeito as viagens de estudos que ocorreram em cidades tais como Porto Alegre, Rio Grande, Bagé, São Miguel das Missões, dentre várias outras. Atualmente viagens culturais e de estudos tem se tornado cada vez menos frequentes diante da escassez de recursos públicos e do custo cada vez mais alto. É uma pena que se enfrente tal dificuldade. Sobretudo em um mundo cada vez mais polissêmico, digitalizado, dinâmico e acelerado, visitar museus e monumentos presencialmente, fruir as experiências oportunizadas por esses deslocamentos, não somente é uma experiência pedagógica, como também divertida, e por divertido que é, impacta a memória, ou seja, geram-

se vivências e aprendizados. Várias vezes eu pude pessoalmente conduzir turmas para visitas em museus e espaços culturais, tais como o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), a Fundação Iberê Camargo, a Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), a Bienal do MERCOSUL, dentre outros, e lembro muito bem como era transformador o contato de nossos estudantes com obras de arte e diferentes tipologias do patrimônio cultural local, tanto para aqueles que já tinham o privilégio de poder acessar esses espaços, mas sobretudo para aqueles que, por razões tão diversas quanto a própria complexidade da sociedade brasileira, não tinham tido até aquele momento acesso a essas vivências culturais.

É com esse terceiro conjunto de lembranças que finalizo meu texto e provooco os leitores, sobretudo os professores, servidores técnico-administrativos e estudantes do Bacharelado em Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPel a lembrarem, e pergunto: se essas páginas que aqui ocupei tivessem sido suas, com quais memórias nossa história seria contada?

PROJETO DE EXTENSÃO LABORATÓRIO ABERTO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS

Sophia Bettini Gaomes

Acadêmica do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis do ICH/UFPel
Bolsista do Grupo PET-Conservação e Restauro

Em 2019 foi iniciado o “Projeto de Extensão Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Bens Culturais” (LACRBC), procurando fazer parcerias com instituições públicas e privadas para conservação e preservação de bens culturais, promovendo a valorização do patrimônio artístico e cultural do Rio Grande do Sul ao recuperar acervos e tornando-os acessíveis à comunidade, enquanto oferece uma formação qualificada aos discentes.

Quando o projeto surgiu foi feito um acordo de cooperação com a Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul (SEDAC), para que houvesse a restauração da moldura e obra “Alegoria, Sentido e Espírito da revolução Farroupilha”, 1925/19126, de Hélios Seelinger e a restauração da moldura e obra “Fuga da Anita Garibaldi a cavalo”, de 1919, de Dakir Parreiras.

Dentro do projeto foram realizadas diversas ações de extensão e pesquisa, contribuindo para

a formação dos discentes e inclusão da sociedade. O LACRBC, coordenado pela professora Andréa Lacerda Bachettini, foi montado em uma das salas do Museu do Doce, parte da Rede de Museus da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), permitindo que os visitantes do museu pudessem acompanhar processos de restauração da pintura “Alegoria, Sentido e Espírito da revolução Farroupilha” e “Fuga da Anita Garibaldi a cavalo”.

Por conta da pandemia de COVID-19 a programação feita para a restauração e entrega das obras foi alterada, visto que a partir de março de 2020 as atividades tiveram de ser suspensas, com retorno apenas em 2021 com uma equipe reduzida. Por conta da pandemia parte dos processos de restauração não puderam ser acompanhados pelo público, em consequência do ainda vigente distanciamento social que permitiu que poucos alunos e professores voltassem a trabalhar nas



Figura 1 - Primeira sala da “Exposição História e Memórias do Rio Grande do Sul a partir da restauração de uma obra de arte: Projeto Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Bens Culturais”.

Fonte: Instagram do Museu do Doce, 2022.

obras, para respeitar as regras sanitárias impostas à época.

Quando a restauração da obra “Fuga da Anita Garibaldi a cavalo” foi finalizada, ela foi levada para a cidade de Piratini para as comemorações do bicentenário do nascimento da Anita, em setembro de 2021.

A obra de Hélios Seelinger levou mais tempo para ficar pronta, sendo finalizada em maio de 2022, com a finalização, foi montada a exposição “História e Memórias do RS a partir da restauração de uma obra de arte” no Museu do Doce para apresentar os trabalhos realizados e o resultado da obra à comunidade.

A exposição ocupou duas salas do Museu do Doce. Na primeira foram expostos materiais, equipamentos e produtos que foram utilizados para

a restauração das obras, a organização foi feita de forma a mostrar os processos sequenciais em que a restauração foi feita. Para maior entendimento dos processos os discentes do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis atuaram como mediadores da exposição para explicar e ficar à disposição para possíveis dúvidas, a sala também continha um vídeo e slides para ilustrar o uso dos materiais e os processos do restauro.

Na segunda sala foi exposta a obra, junto com painéis explicativos falando sobre a obra e sobre a história dela e sobre o artista, e foi disponibilizada a áudio descrição da obra visando maior acessibilidade e inclusão de deficientes visuais. A sala também contava com discentes para fazer a mediação oferecendo aos visitantes maiores aprofundamentos sobre o quadro.



Figura 2 - Obra Alegoria, Sentido e Espírito da Revolução Farroupilha (Do Rio Grande do Sul para o Brasil), de Helios Seelinger. Fonte: LACRBC, 2022.

Em parceria com o projeto Grupo de Estudos de Ensino / Aprendizagem de Representação Gráfica e Digital (GEGRADI), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, na segunda sala foi montada uma mesa interativa com peças 2d com representações de partes da obra que colocadas nos locais correspondentes iniciava a áudio descrição da parte inserida. E três quebra cabeças em acrílico, dois convencionais de dificuldade diferentes e um com peças diferentes para criar um quadro com maior diversidade.

No dia 19 de setembro de 2023 a obra “Alegoria,

Sentido e Espírito da Revolução Farroupilha” foi oficialmente entregue à Prefeitura de Piratini, em cerimônia realizada no paço municipal. A obra está disponível para visitação da população no local.

O projeto continua em atividade, colaborando para a revitalização e valorização de bens culturais e para formação de diversos discentes do curso. O projeto já realizou a restauração de 17 obras do acervo da Pinacoteca do Palácio Piratini e as pinturas da Via Sacra da Catedral Metropolitana de Pelotas e continua buscando novas oportunidades.

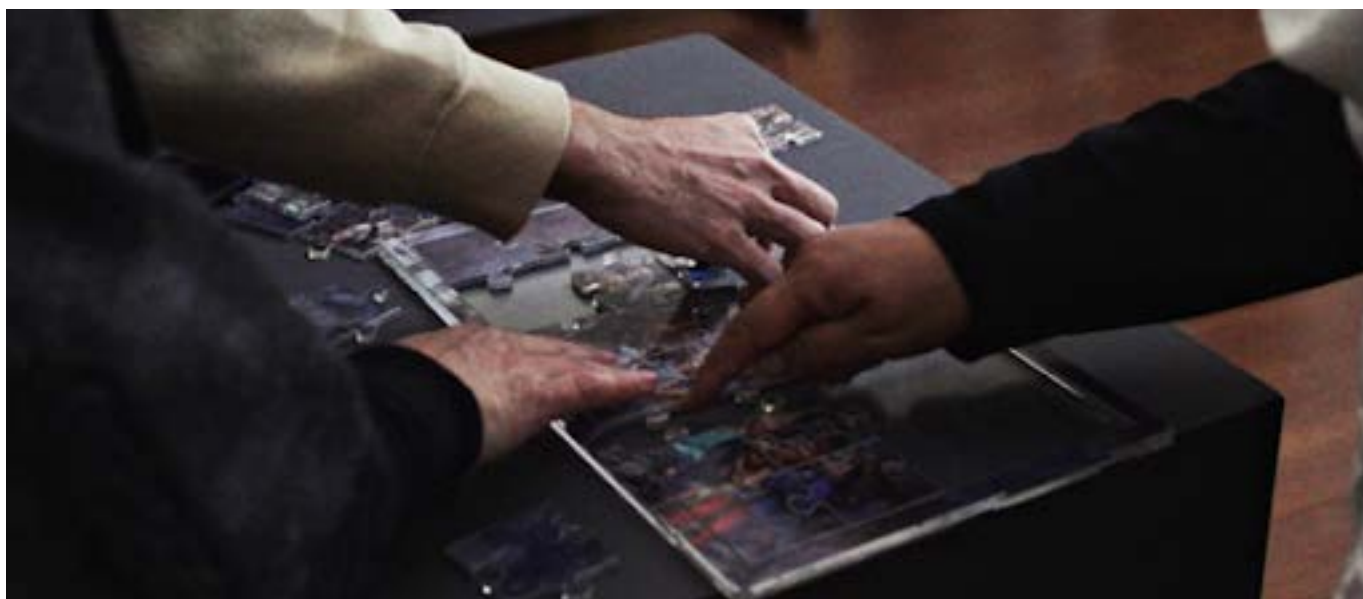


Figura 3 - Quebra-cabeça disponível na segunda sala da exposição “História e Memórias do Rio Grande do Sul a partir da restauração de uma obra de arte: Projeto Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Bens Culturais”.

Fonte: LACRBC, 2022.

Referências:

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Obras restauradas do Palácio Piratini são expostas em Pelotas.** Pelotas, 2023.

SILVA, N.M. et al. **Mediação no Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Bens Culturais.** In: CEC 2020: Anais do VII Congresso de Extensão e Cultura da UFPEL. p. 96- 99.

_____. **Exposição História e Memórias do RS A Partir da Restauração de Uma Obra de Arte: Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Bens Culturais.** In: CEC: Anais do IX Congresso de Extensão e Cultura da UFPEL. p. 65- 68.

WESSELY, F.C.A. **Ações Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Bens Culturais A Partir da Pandemia de COVID-19.** In: CEC 2021: Anais do VIII Congresso de Extensão e Cultura da UFPEL. p. 105- 107.

MERECIMENTO!

Társis Rodrigo Gradaschi da Silva

Bacharel em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis ICH/UFPEL

Sempre fui bem em desenho! Quando pequeno, eu era quem fazia os convites para minhas festas de aniversário. Minha mãe Lia, professora de português, corrigia todos os erros e também fazia várias cópias, com o mimeógrafo da escola. Para os mais novos, mimeógrafo era o equivalente às xerox nos dias atuais. Por gostar de coisas antigas e sempre ver meu pai Beto consertando as coisas em casa, desde pequeno segui o mesmo caminho.

Somos quatro irmãos, então era eu (o irmão mais velho) que sabia consertar o pneu furado das bicicletas, as marchas, os freios e por aí vai. Anos mais tarde, decidi me dedicar ao conserto de objetos antigos.

Considerava-me bom naquilo que fazia. Pegava uma geladeira antiga (as famosas *Frigidaire*) de mil novecentos e guaraná de rolha, toda enferrujada, sem funcionar e a transformava em uma verdadeira obra de arte. Literalmente, retirava objetos do ferro-velho e transformava em peças de exposição.

Sempre gostei de dar vida nova aos objetos antigos. Mesmo me considerando um bom profissional, sentia falta de uma formação que fosse além de cursos de um ou dois meses que havia feito.

Foi aí que descobri o Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPEL. Mandei e-mail em 2016, fiz o Enem em 2017 e em 2018, para minha alegria, iria começar minha graduação em Pelotas. Esta seria a quinta tentativa, depois de já ter passado por 4 universidades anteriormente sem concluir nenhum curso.

Aí que as “fichas” começaram a cair: como vou conseguir conciliar o trabalho e os estudos? Gente, eu tenho esposa e uma criança pequena em casa, como vou dar conta? Como vou conseguir pagar os custos com hospedagem, alimentação e transporte tendo que me deslocar de Canoas a Pelotas toda semana? Como arranjar dinheiro para pagar por

todos esses custos extras e tendo que me ausentar do atelier? Foi aí que surgiu a ideia de conciliar os estudos com o trabalho de “marido de aluguel”, o famoso “faz tudo”.

Sim, como o curso era somente noturno, eu teria as manhãs e tardes disponíveis para trabalhar. Como já tinha bastante experiência com elétrica e hidráulica, habilidades manuais e principalmente força de vontade, mandei fazer uniforme, cartão de visita e até panfletos.

Na primeira semana de aula, viajei a Pelotas munido dos meus apetrechos, entre eles, martelo, chaves de fenda, furadeira e claro, fita veda-rosca e fita isolante não poderiam faltar.

Como cheguei cedo na cidade, tratei logo de me instalar e garantir o meu pouso. Havia recebido uma indicação de uma pousada. Então fui até lá e me instalei. Beleza, tudo certo, já tenho um cantinho para guardar minhas coisas. Pensei: agora é hora de divulgar o meu trabalho.

Uniformizado e com os panfletos nas mãos, comecei a distribuição primeiramente nas caixinhas dos correios de apartamentos, onde eu buscava sempre pelo porteiro para pedir a autorização e já explicava a minha situação para eles. Também fui em salões de beleza, lojas, asilos, casas, ferragens... sempre explicando a minha situação, me apresentando e contando que estava vindo para Pelotas para estudar, mas que também fazia trabalhos em residências.

E nisso se passou a tarde toda, dezenas de pessoas me conheceram e escutaram a minha história, de que eu estava chegando em Pelotas, para fazer o curso de conservação e restauração e que estava começando também a trabalhar com manutenção residencial para ajudar nas despesas...

Uma coisa estava me inquietando... pois sempre

que eu explicava os motivos, ao final da conversa eu escutava um “merece”!

Eu me apresentava, contava a mesma história para as pessoas e elas sempre me respondiam ao final “merece”!

Eu agradecia a atenção e depois sempre recebia um “merece”! Mais tarde, depois da aula inaugural, ao pedir um xis para a atendente da lanchonete e agradecer pelo atendimento, adivinhem... ela também me retornou com um “merece”.

Foi aí que entendi que os pelotenses falam “merece” ao invés do “de nada” ou “disponha”. Estava enfim solucionado o mistério, era somente uma característica do falar em Pelotas. O fato é que cada vez que escutei o “merece” depois que explicava o porquê da minha chegada na cidade, eu entendia que as pessoas estavam torcendo por mim, querendo que as coisas dessem certo, que eu tivesse bons anos de estudo e que eu merecia que tudo que eu havia explanado para meus possíveis futuros clientes desse certo.

Foi isso que ficou gravado no meu inconsciente, que as pessoas estavam torcendo por mim... Aquilo me marcou muito, acho que foi ali onde realmente percebi que tinha feito a escolha certa, que eu estava finalmente no caminho, cidade, curso e faculdade correta!

No dia seguinte, na pousada que me indicaram, conheci uma das pessoas mais importantes em todos esses anos de graduação, a Rosane, proprietária do estabelecimento. Uma pessoa encantadora, sempre de bem com a vida, alegre e divertida. E o melhor de tudo, tinha inúmeras necessidades de manutenção predial. Alguns quartos necessitavam de pintura, conserto de tomadas, troca de resistências de chuveiro, furação para novos espelhos, desentupimentos, etc. Resumindo, acabava trocando minhas horas de trabalho por diárias na pousada. E foi assim durante todos os anos da graduação. Uma maravilha para os dois!

Com relação às aulas, no início fiquei receoso sobre como seria voltar aos estudos após 12 anos afastado dos cadernos, porém, pude perceber que eu não era o único com a idade mais avançada, aliás na minha turma, muitos já eram aposentados ou estavam iniciando uma segunda graduação.

Também pude perceber a receptividade dos

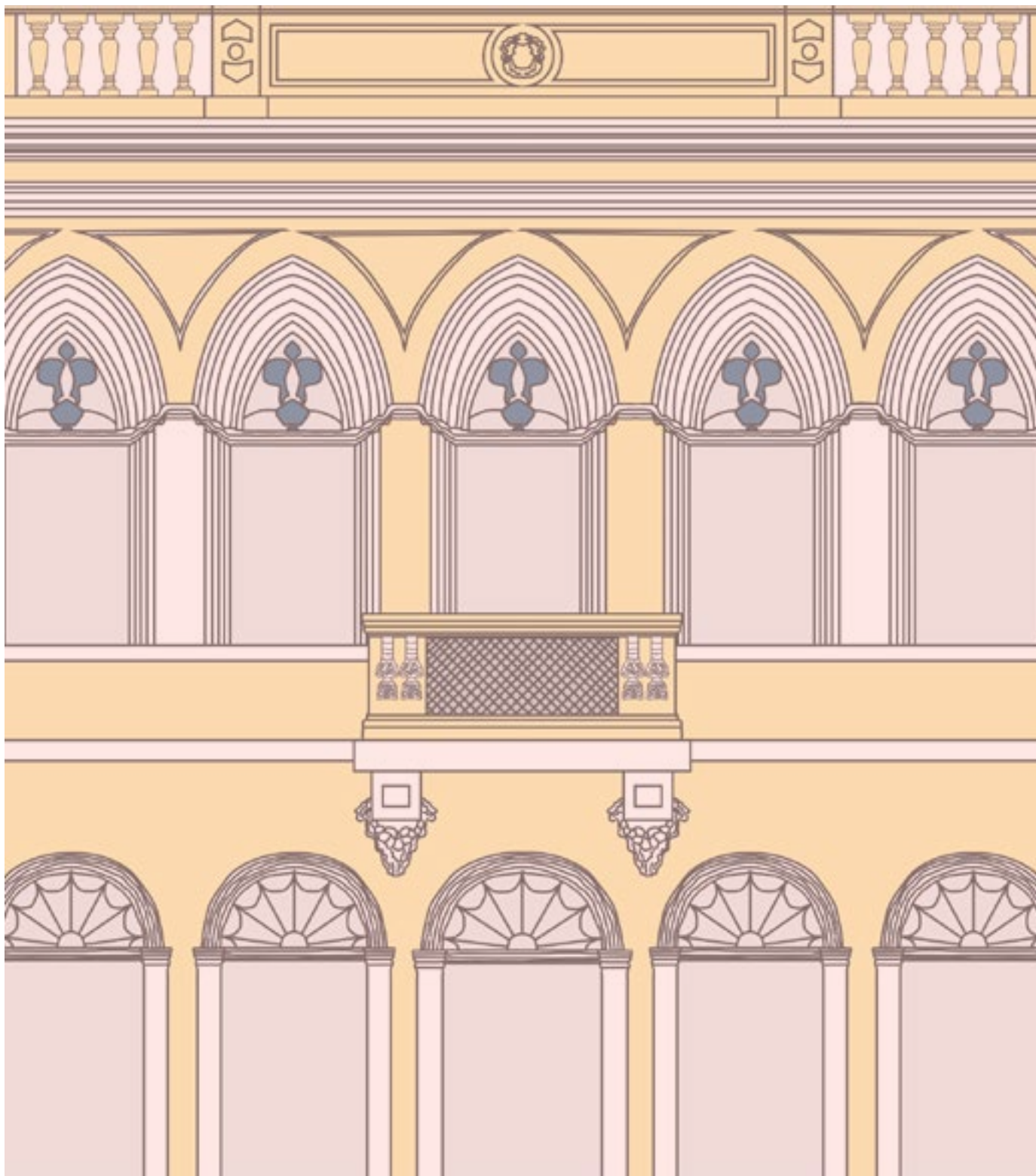
professores com todos nós, realmente dava para ver a alegria estampada em seus rostos por estarem recebendo mais uma remessa de alunos novos. Todos eram muito pacientes, pois não era fácil entender o que era Moodle UFPel, Cobalto... e mais tarde o E-aula durante a pandemia. E falando em Covid-19, palmas para os professores!

Eu fico imaginando o quanto esses profissionais se desdobraram para produzir conteúdo e material para as aulas online. E depois, ainda tinham que dar a aula olhando para um computador, em um ambiente vazio e sem alunos, uma situação totalmente diferente daquela que estávamos acostumados em sala de aula.

Vou sentir saudades das aulas nos laboratórios, das experiências, do chimarrão com os colegas e até do calor infernal nas salas sem ventilador... Felizmente para os alunos novos, alguns laboratórios estão equipados com aparelhos de ar condicionado, algo impensável na minha época, onde a UFPel sofreu com grandes cortes orçamentários por parte do governo federal. Faltou muito recurso!

Nunca vou me esquecer da viagem de pesquisa para as Missões Jesuíticas em São Miguel da Missões, cancelada por corte de gastos na semana em que iria acontecer. Por pouco não ficamos sem luz... por muito pouco, a UFPel não fechou as portas por falta de recursos.

Fiz muitos amigos, tenho boas lembranças em Pelotas. Tomara que sempre surjam oportunidades para que eu possa estar retornando para cidade. Vou sempre dar um jeito de passar pelo Campus II, na Rua Almirante Barroso, para rever meus queridos professores e quem sabe algum colega. Fica aqui meu agradecimento a todos, os incansáveis professores, responsáveis pela minha formação acadêmica e profissional e a todos colegas pelos anos de parceria e amizade!



PET CR

Almirante Barroso 1202, sala 312
Campus II – ICH • Pelotas/RS CEP 96.010-280

DIGITAL

<https://wp.ufpel.edu.br/crbensmoveis>
<https://wp.ufpel.edu.br/petconservacaoerestauoro/>
<https://instagram.com/petconservacaoerestauoro>

CONTATO

petconservacaoerestauoro@gmail.com
pet.conservacao.restauoro@ufpel.edu.br

PET  Conservação e Restauro

